

CIDADES DE PAPEL

PRÓLOGO

Fernando Diez

Tradução de Silvio Belmonte de Abreu Filho

Para quem não se encontre familiarizado com a importância do projeto na arquitetura e no urbanismo (até muito pouco tempo atrás sempre desenhados sobre papel), uma Porto Alegre de papel pode representar alguma forma possível de paródia da cidade real. A idéia de cenografia confere conotação negativa a uma arquitetura que se denomine de papel. Porém aqui o termo não faz referência à simulação, que no caso da cenografia teatral tem por objeto recriar algo que está em outro lugar, mas a uma antecipação. É aquela arquitetura que foi desenvolvida como projeto, mas não alcança nunca a solidez que outorga a construção. Esta debilidade intrínseca - porque o projeto tem sentido, sobretudo, como a antecipação de uma construção por realizar-se (ou, quando não, ao menos como a especulação sobre sua possível realização) - contrasta com a enorme influência que os projetos nunca realizados tiveram na história da arquitetura. Não poucas vezes, uma influência inclusive maior que a das obras construídas.

A Porto Alegre de papel a que se refere este livro não é portanto um simulacro, mas aquela que ficou escrita nos desenhos de seus sucessivos planos urbanos, nos edifícios nunca construídos ou nos que, tendo sido demolidos, somente sobrevivem na memória dos planos com que foram edificados. Desde tal perspectiva, esta cidade de papel está mais além das contingências com as quais a construção vai marcando os processos urbanos, mostrando essa acumulação tantas vezes contraditória, de planos, projetos parciais e gerais, muitos dos quais nem sequer chegam a completar-se totalmente. Em contraste, a cidade desenhada nos papéis pertence mais ao mundo das idéias, onde a proposição de um projeto possível começa seu caminho. A cidade desenhada nos projetos é a antecipação de algo que chegará mais tarde, e neste sentido o projeto do papel aparece tanto como um arranjo desejável enquanto desenho urbano, quanto como uma forma especial de promessa. A experiência nos diz que as vicissitudes da história e o longo desenvolvimento temporal que demanda a construção da arquitetura, e mais ainda do urbanismo, nem sempre permitem a consecução dos planos minuciosamente desenhados. No mais das vezes, novas

idéias e novos planos virão substituí-los, antes mesmo que tenham logrado transferir-se completamente à cidade real.

Em tais condições, a coleção dos planos urbanos é uma história das idéias que na cidade real são difíceis de perceber, pois se encontram entrelaçadas na *collage* de seus fragmentos, como nos fez notar Colin Rowe, deformadas pelas colisões entre elas, ou sepultadas por outras que chegarão mais tarde.

Muitos são os casos que dão testemunho da enorme influência dos planos enunciados em papel, mas nunca levados a cabo. A Cidade Contemporânea de Le Corbusier (1922) nem sequer estava destinada a um lugar concreto, era antes de tudo uma proposição teórica. O *Plan Voisin* (1925) era uma provocação sobre o destino da zona do Marais em Paris. O mesmo teor tiveram seus desenhos para Buenos Aires, Montevideu e Rio, quando de seu giro sul-americano em 1929. A *Ville Radieuse* também era uma proposição ideal, hipotética. Sem embargo, todos estes planos tiveram uma influência decisiva no desenvolvimento de nossas cidades. E mesmo que o *Plan Regulador* que realizou com Ferrari e Kurchan em 1938 não tenha nunca sido aplicado, sem dúvida foi o desencadeador de muitos dos critérios de regulação aplicados mais tarde, hoje visíveis no predomínio dos edifícios “torre”. Talvez não de um modo tão ambicioso como o mostrado por Alfred Agache para desenhar o Rio de Janeiro, mas de um modo igualmente decidido, Arnaldo Gladosch antecipou no papel as formas de uma Porto Alegre só parcialmente visível agora, como no Centro Cívico na Praça da Matriz, projeto destinado a permanecer na superfície plana do papel.

Sem dúvida, a compreensão da Porto Alegre real não é possível sem a chave aportada por estas obras inconclusas ou não construídas. Ali está o fermento de idéias que impulsionaram suas transformações. Que possam ser reunidas em um livro abre essa possibilidade, sugerindo que o estudo da cidade, assim como as decisões de arquitetura e urbanismo que se imaginem para transformá-la, não podem se dar desde um presente imóvel, sem história, pois a cidade é a expressão de um movimento contínuo de assimilação, hibridização e mestiçagem de idéias e vontades. Tanto para compreendê-la como para transformá-la, é necessário conhecer esta outra Porto Alegre de papel, algo que este livro facilitará consideravelmente.

Buenos Aires, dezembro de 2006